

PODER MILITAR E “PONTOS DE IGNIÇÃO” MUDAM DO OCIDENTE PARA O ORIENTE

Tradução e adaptação Albert Caballé Marimón do original publicado no Nikkei Asia.*

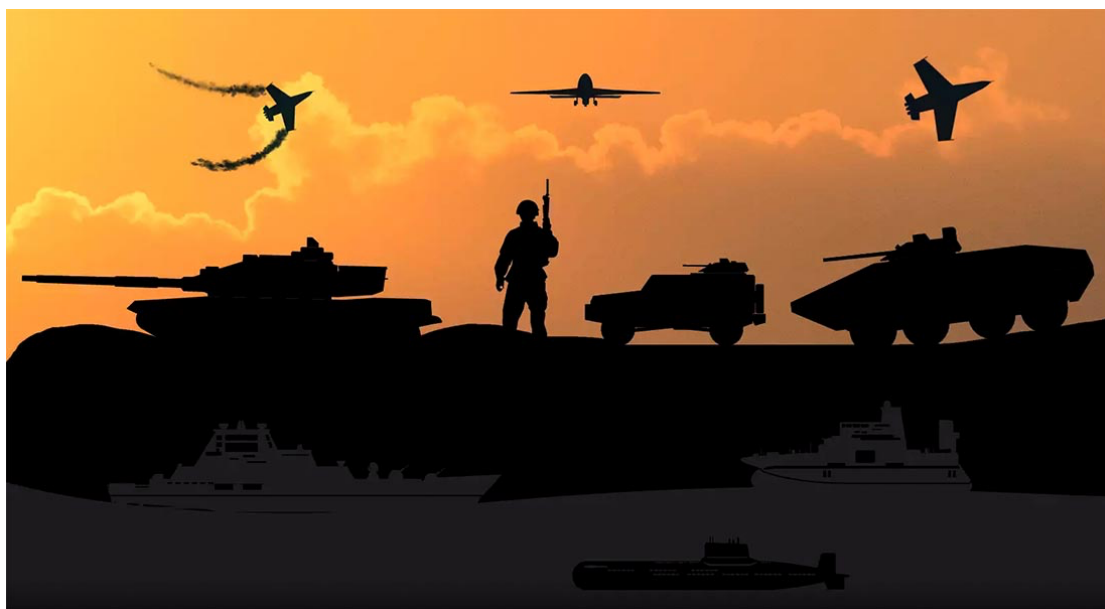


Imagem: Times of India.

Nas duas últimas décadas, os Estados Unidos vêm destacando mais tropas para o Leste Asiático e o Pacífico do que na Europa e Oriente Médio. A Ásia atualmente responde por metade dos desdobramentos de tropas americanas no exterior.

O centro do poderio militar global e os novos focos de “ignição” internacionais estão mudando do Ocidente para o Oriente. Os EUA têm destacado mais tropas nas regiões do Leste Asiático e do Pacífico do que na Europa e Oriente Médio nas últimas duas décadas. A mudança reflete a ascensão da China como grande ameaça à segurança após o confronto Leste-Oeste durante a Guerra Fria e as lutas contra o terrorismo.

Os objetivos estratégicos no exterior para os Estados Unidos chegaram a um ponto de inflexão. O presidente Joe Biden decidiu retirar todas as tropas dos EUA do Afeganistão até setembro, enquanto a declaração conjunta emitida na cúpula entre Biden e o primeiro-ministro japonês Yoshihide Suga em abril se referia à paz e estabilidade no Estreito de Taiwan – um sinal claro de que os EUA levam a sério a contenção da China.

Usando dados do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, a *Nikkei* rastreou mudanças na implantação de tropas americanas no exterior. Em 2000, os EUA tinham 69.000 soldados na Alemanha, mais do que em qualquer outro lugar. Após os ataques terroristas de 2001, os militares americanos mudaram seu foco para o

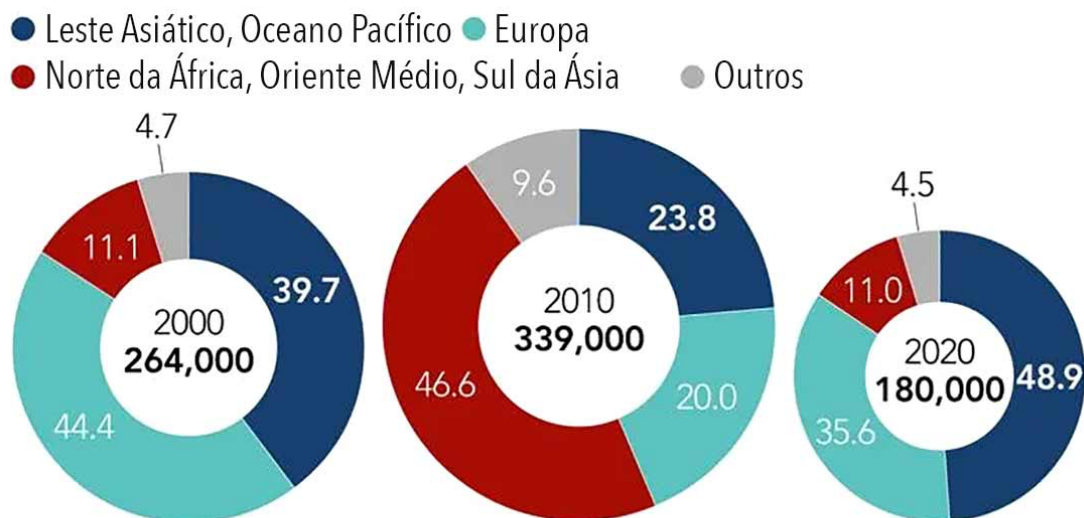
Oriente Médio, desdobrando em um determinado ponto mais de 100.000 soldados no (em cada um) Afeganistão e no Iraque.

Em 2013, o então presidente Barack Obama disse que os EUA não eram mais “a polícia do mundo”. Os EUA reduziram as tropas no exterior em cerca de 50% nos 10 anos até 2020. Mesmo assim, manteve uma forte presença com seus aliados no Leste Asiático – Japão e Coreia do Sul.

Para examinar movimentos de outros países, a *Nikkei* analisou mudanças na força militar global e no *hardware*, usando dados do The Military Balance, uma avaliação das forças armadas do mundo publicada pelo International Institute for Strategic Studies, um *think tank* britânico.

A IMPLANTAÇÃO MILITAR DOS EUA NO EXTERIOR MUDOU DA EUROPA PARA A ÁSIA AO LONGO DE 20 ANOS

(Número de pessoal e sua divisão por localização, em porcentagem)



Os números não somam 100 devido ao arredondamento.

Fonte: Calculado pela *Nikkei* a partir de dados do Departamento de Defesa dos EUA.

O poderio militar global continuou a diminuir. Na Europa e nos países da ex-União Soviética – a linha de frente durante o período da Guerra Fria – o poderio militar foi reduzido em mais de 50% nas últimas três décadas.

Em contraste, as nações emergentes e as próximas à China aumentaram o número de soldados. Nesses 30 anos, a Indonésia aumentou suas forças armadas em 40% e as Filipinas em 30%. A Índia, que experimentou uma série de disputas com seus vizinhos, aumentou o efetivo em 15%. O peso da Ásia em termos de força militar aumentou drasticamente.

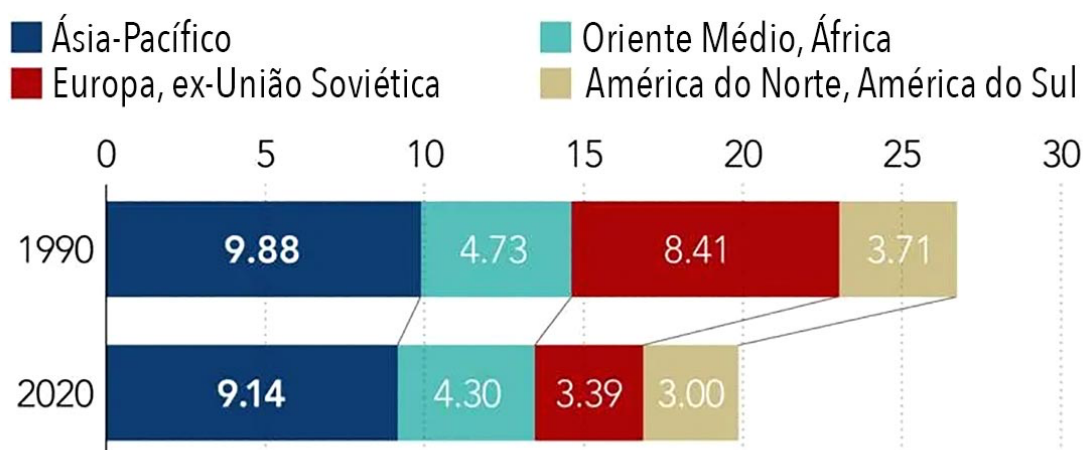
Enquanto isso, a China reduziu seu efetivo de tropas, mas aumentou visivelmente seu equipamento militar. Apesar de não apresentar caças ou bombardeiros modernos em 1990, o país agora está avançando em relação aos EUA em número

de caças e tem mais do que o total combinado das Forças de Autodefesa Japonesas e das Forças Armadas dos EUA no Japão.

Japão, Coreia do Sul e Taiwan estão procurando implementar novas armas, com a China sendo a principal responsável pelo acúmulo de armamentos.

A PRESENÇA MILITAR GLOBAL CONTINUA FORTE NA ÁSIA-PACÍFICO

(Em milhões de soldados)



Fonte: Dados do "Military Balance" do International Institute for Strategic Studies.

A China também aumentou seus mísseis e submarinos. Em 2019, tinha de 750 a 1.500 mísseis balísticos de curto alcance que poderiam atingir Taiwan, contra 50 em 1995, de acordo com análises do Departamento de Defesa dos EUA e outras entidades. Estima-se que os militares chineses também tenham mais de 950 mísseis balísticos de médio alcance.

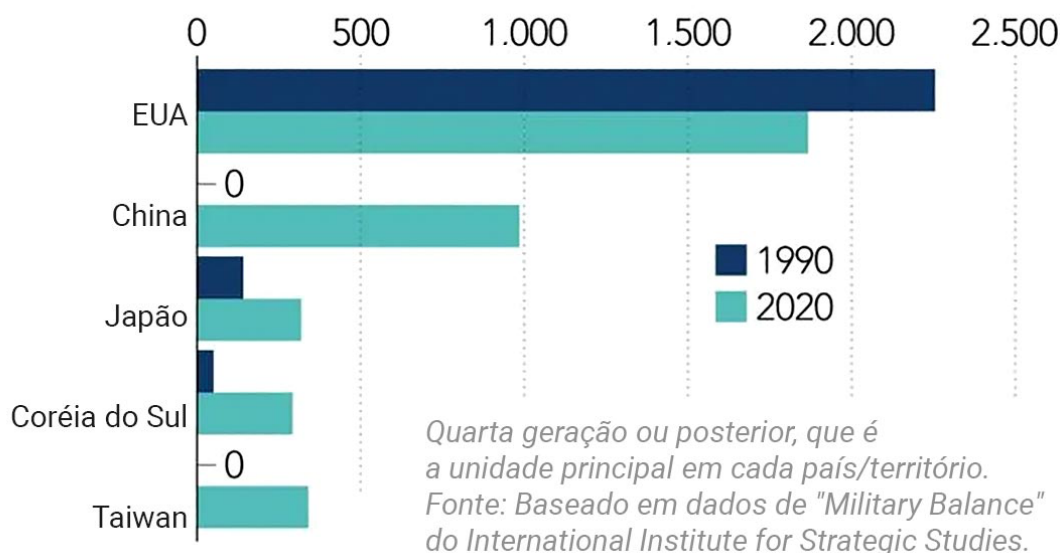
O almirante John Aquilino, que se tornou comandante do Comando para o Indo-Pacífico dos EUA no final de abril, alertou contra a possível invasão de Taiwan pela China em uma audiência no Senado em março, dizendo que "este problema está muito mais próximo de nós do que muitos pensam".

O secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, em visita ao Japão em março, disse: "Nosso objetivo é garantir que mantenhamos uma vantagem competitiva sobre a China ou qualquer outra pessoa."

Nos últimos 20 anos, a atenção dos EUA foi desviada por questões no Oriente Médio, enquanto a China modernizou suas forças armadas e se envolveu em comportamento "coercitivo" em alguns casos, disse Austin, que serviu como comandante do Comando Central dos EUA, responsável militar pelos assuntos no Oriente Médio.

"Os EUA precisam urgentemente recuperar um equilíbrio militar na [Ásia]", disse Katsuya Tsukamoto, chefe da Divisão de Segurança e Economia do Instituto Nacional de Estudos de Defesa. "Agora está fortalecendo sua capacidade de implantação avançada em uma tentativa de conter a ascensão adicional da China."

CRESCIMENTO DO EQUIPAMENTO MILITAR NA ÁSIA DE DESTACA (Número de caças modernos*)



Conter a China está além das capacidades dos EUA. Portanto, seus aliados regionais serão chamados para assumir mais responsabilidades. A declaração conjunta entre Suga e Biden incluiu a promessa do Japão de reforçar sua própria defesa nacional. O ministro da Defesa, Nobuo Kishi, divulgou há muito tempo a intenção do governo de eliminar o teto do orçamento de defesa de 1% do PIB.

A mudança de foco do poder militar está, é claro, afetando o Oriente Médio. O aumento dos confrontos armados entre Israel e os palestinos pode ser atribuído em grande parte à mudança de prioridade do governo Biden do Oriente Médio para a China, disse Koichi Nakagawa, pesquisador sênior do Instituto de Pesquisa Mitsubishi.

O Japão depende do Oriente Médio para 90% das importações de petróleo. Nakagawa, portanto, advertiu que "o Japão será mais seriamente afetado do que qualquer outro país se os EUA se retirarem do Oriente Médio". Mudanças no equilíbrio militar global apresentam novos e difíceis desafios à segurança do Japão.

***Albert Caballé Marimón** possui formação superior em marketing. Depois de atuar trinta e sete anos em empresas nacionais e multinacionais, dedica-se à atividade de pesquisador nas áreas de História Militar, Defesa e Geopolítica. É fotógrafo e editor do site Velho General. Já atuou na cobertura de eventos como a Feira LAAD, o Exercício CRUZEX, a Operação Acolhida, o Exercício Treme Terra e proferiu palestras na AFA – Academia da Força Aérea. É colaborador do USNI – US Naval Institute e do Canal Arte da Guerra.
